



Jomard Muniz de Brito
Prof. da UFPE e UFPB e escritor
Atentadospoéticos@yahoo.com.br



De que PT estamos falando?



Airton de Castro
Prof.º do Departamento de Matemática
CCEN - UFPE

A vida é muito dura, e tem piorado, por este motivo devemos tratá-la com humor, foi com este espírito que eu escrevi a crônica "Um Novo Símbolo para o PT" (Art Sensu nº. 2), criticada pelo colega Marcelo Salazar (Art Sensu nº. 3).

Para não cair no erro de 'criminalizar a vítima', devemos perguntar: QUEM CUSPIU ONDE? Os trabalhadores estão observando os seus antigos companheiros favorecendo o mercado financeiro, fazendo reformas que retiram seus direitos (previdência, trabalhista, sindical, etc.). No meu caso particular, sou daqueles que, sem ser filiado, comprava rifas, camisas, bônus; na doce ilusão que o PT era um partido diferente, que eram os "dizimos" que financiavam a campanha, não dinheiro de maracutaias.

Por conhecer a história de Lula, o controle total que ele tem, ou teve, sobre o PT, não poderia usar, (e não usei) o argumento simplório de 'despreparado e inculto'. Na frase destacada do meu texto "são muitos tentáculos para um pequeno cérebro", o colega Salazar não percebeu que o fundamental são os tentáculos, não o cérebro, que neste caso simboliza a presidência, não o presidente.

Quanto a colocar num único saco ratos e parlamentares petistas, é bom ler a frase completa: "está cada vez mais difícil distinguir os parlamentares petistas dos outros ratos". É uma frase muito amena, suave, bem menos dura do que a frase de um proeminente político, que afirmou que no Congresso Nacional havia mais de 400 picaretas.

Numa análise rasteira, classifico os remanescentes petistas em duas categorias: *Os Idealistas*: Acreditam que no final darão uma rasteira no capital financeiro para beneficiar a classe trabalhadora. Santa ingenuidade, Batman! Acorda, Zé!

Os Pés no Chão: Melhor seria denominá-los os 'Boca na Teta', não querem largar as benesses do poder. Usando toda a minha boa vontade não consigo ver coragem nos atos desses ex-companheiros. Chamá-los de oportunistas é atenuar a realidade. São eles que estão afundando o barco...

A História e o Ensino de História



Tarcísio Marcos Alves
Prof.º de História da UFPE

"... Quando as resistências às mudanças triunfam, no momento em que as esperanças são frustradas, em que a desilusão se enraíza, assiste-se à recusa da racionalização global do real. Já que o real não realiza as esperanças, ele não pode ser racional. A história perde, então, todo o sentido, fragmenta-se em múltiplos segmentos."

François Dosse

Diante das novas concepções de História hoje predominantemente nas Academias e em muitos livros didáticos e paradidáticos dirigidos para o Ensino Fundamental e Médio, parece-me que (sem querer negar as valiosas contribuições da chamada "nova história"), ao colocar como "superados" os paradigmas estruturais pelo paradigma "pós-moderno", que privilegia a linguagem, a cultura e o "discurso", e que gerou a micro-história, a história das mentalidades, do cotidiano, etc. etc..., que corremos o risco de cair em um relativismo epistêmico. Pois, como afirma o historiador espanhol Josep Fontana, através do tão propalado "retorno à narrativa" e a obsessão pelo discurso, "somos levados a dissolver os problemas reais em palavras e símbolos", o que, no mínimo, inibe o viver crítico (Para não falar em "crítica marxista", hoje tida por "superada"...).

Sabemos que o historiador reflete, mesmo inconscientemente, o seu tempo. Porém, temos a obrigação de percebê-lo criticamente. Isto, principalmente, em relação ao nosso ofício, como gostava de dizer o saudoso Marc Bloch. Não podemos nos deixar envolver a-criticamente com os novos e

passageiros "modismos" propostos por uma "história em migalhas" (Dosse), que enfatiza a natureza fragmentada do mundo e do conhecimento humano.

Concordamos com a crítica a uma visão linear e finalista da História, porém isso não significa que devemos encarar o estudo e o ensino da História como sendo apenas uma narrativa, descontextualizada e, no extremo, apenas um exercício literário, sem sentido prático de instrumento para transformação da sociedade.

Isto significa dizer que não podemos aceitar o discurso da "pós-modernidade" e da "globalização", que "naturaliza" todas as contradições e misérias do Capitalismo, levando à resignação. Torna-se, assim, necessário reconstruir uma visão global da sociedade, inclusive buscando contextualizar as "micro" contribuições da "nova história", evitando as visões "caleidoscópicas"...

Ou seja, para além de uma visão atomizada, incruenta e "naturalizadora" dos fatos históricos e, para que possamos informar um conhecimento crítico (a tão vulgarizada "visão crítica", que, na maioria das vezes, permanece apenas como discursos vazios) do processo histórico, é necessário que levemos aos alunos uma compreensão de que tragédias como a guerra do Vietnã, o apartheid na África, o genocídio contra os povos islâmicos (ex.: guerra contra o Iraque) e os latino-americanos, são frutos de um sistema global, chamado Capitalismo. Só assim, permaneceremos fiéis à crítica do atual modelo de sociedade e aos nossos compromissos com a luta de todos os povos explorados e oprimidos do mundo.

Recife, Junho de 2003

Charge

Joacy Silva
Aluno do Curso de Pedagogia

